



**Centro Universitário de Brasília  
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

**PATRÍCIA DE MORAIS FIGUERÊDO**

**VÍDEO SELFIES, O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO  
TELEJORNALISMO**

**Uma análise do Jornal Local, da TV Brasília**

Brasília  
2017

**PATRÍCIA DE MORAIS FIGUERÊDO**

**VÍDEO *SELFIES*, O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO  
TELEJORNALISMO**

**Uma análise do Jornal Local, da TV Brasília**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Comunicação em Redes Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Joana d’Arc Bicalho Felix

Brasília  
2017

**PATRÍCIA DE MORAIS FIGUERÊDO**

**VÍDEO *SELFIES*, O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO  
TELEJORNALISMO**

**Uma análise do Jornal Local, da TV Brasília**

Trabalho apresentado ao Centro  
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)  
como pré-requisito para a obtenção de  
Certificado de Conclusão de Curso de  
Pós-graduação *Lato Sensu* em  
Comunicação em Redes Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Joana d’Arc  
Bicalho Felix

Brasília, 27 de novembro de 2017.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Silvana Ribeiro

---

Prof. Gilson Ciarallo

Aos meus familiares e ao meu amor, por todo o incentivo,  
apoio e compreensão.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois sem a força dada por Ele para recomeçar, não teria chegado ao fim. Aos meus pais e minha irmã, por sempre acreditarem no meu potencial e não me deixarem desistir. Ao meu amor, Pedro Augusto, por compartilhar as idas à biblioteca, as noites de estudos, sempre me incentivando e me motivando a seguir em frente.

À professora Joana Bicalho pelas dicas valiosas e acompanhamento durante este breve período. Ao professor Gilson Ciarallo, pela presteza no atendimento e correção das Normas da ABNT. Ao professor Carlos, por ter me dado a oportunidade de reingressar na turma de TCC da pós-graduação. À editora e chefe Lu Improta, pelas correções gramaticais do trabalho.

À amiga Jessica Nascimento pela ideia de pesquisa e, por fim e não menos importante, agradeço à coordenadora multimídia do Jornal Local, Marina Amaral, pela atenção, receptividade e informações compartilhadas.

## RESUMO

O universo do Jornalismo passou por diversas mudanças, após o advento das novas tecnologias, especificamente com a chegada da *Internet* e dos *smartphones*. De modo a adaptar-se a este novo cenário, o Telejornalismo brasileiro tem aderido a novas formas de produzir videorreportagens, com a utilização da estética das *selfies*, bem como introduzido seu conteúdo no mundo online, por meio de transmissões ao vivo. O Jornal Local, da TV Brasília, foi um dos veículos que passaram a utilizar as chamadas *vídeo selfies* e divulgar os conteúdos em suas redes sociais. O objetivo do trabalho foi analisar esta forma de produzir matérias televisivas, com base em conceitos como convergência e interatividade, pesquisa bibliográfica acerca do tema, além de identificar outras adaptações feitas pelo Jornalismo televisivo no atual momento. Foram escolhidos, aleatoriamente, seis jornais transmitidos ao vivo via *Facebook* do Jornal Local, do mês de agosto de 2017. Destes, analisaram-se aquelas matérias que fizeram o uso das *vídeo selfies*, que já são uma realidade presente no JL desde 2013, além das transmissões pelo *Facebook* e o envio de pautas, vídeos e imagens por meio do *WhatsApp* do telejornal, que foram outros elementos trazidos pelas novas tecnologias agregados ao telejornal. As práticas, técnicas e metodologias percebidas nas *vídeo selfies* foram, em geral, semelhantes às de uma videorreportagem tradicional. Uma diferença identificada é em relação à linguagem, que, neste tipo de abordagem, torna-se ainda mais coloquial. Com o estudo é possível perceber que as reportagens com estética de *selfie* são uma forma viável, mais barata e mais acessível de se fazer Telejornalismo, em meio ao cenário de adaptação às novas tecnologias. Mesmo nas matérias que fazem uso deste recurso, o Telejornalismo tradicional ainda tem grande influência, uma vez que microfones continuam sendo acessórios para entrevistas e passagens são gravadas por câmeras profissionais, fato este notado nas matérias analisadas. O Jornal Local têm apostado na convergência entre o tradicional e o digital.

**Palavras-chave:** Telejornalismo. Novas Tecnologias. Internet. Videorreportagens. *Video selfies*.

## ABSTRACT

The universe of journalism has undergone several changes, after the advent of new technologies, specifically with the arrival of the Internet and smartphones. In order to adapt to this new scenario, the Brazilian Telejornalismo has adhered to new ways to produce video reporting, using the aesthetics of selfies, as well as introducing its content in the online world, through live transmissions. The Jornal Local, from TV Brasília, was one of the vehicles that started to use the so-called video selfies and spread the contents in their social networks. The objective of this work was to analyze this way of producing television material, based on concepts such as convergence and interactivity, bibliographic research about the theme, as well as to identify other adaptations made by television journalism in the current moment. Six newspapers were randomly transmitted live via Facebook from the Jornal Local, from August 2017. From these, we analyzed those subjects that made use of video selfies, which have already been a reality in JL since 2013, in addition to of the transmissions by Facebook and the sending of guidelines, videos and images through the WhatsApp of the television news, which were other elements brought by the new technologies used by the television news. The practices, techniques and methodologies perceived in video selfies were, in general, similar to those of a traditional video reporting. An identified difference is in relation to language, which, in this type of approach, becomes even more colloquial. With the study it is possible to perceive that the reports with aesthetics of selfie are a viable, cheaper and more accessible way of doing Telejournalism, in the middle of the scenario of adaptation to the new technologies. Even in the subjects that make use of this resource, the traditional television journalism still has great influence, since microphones continue being accessories for interviews and passages are recorded by professional cameras, fact this noticed in the analyzed subjects. The Jornal Local have bet on the convergence between the traditional and the digital.

**Key words:** Television journalism. New technologies. Internet. Video reporting. Video selfies.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1 TELEJORNALISMO NO BRASIL .....	10
2 A INTERNET E AS NOVAS TECNOLOGIAS .....	14
3 INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS NO TELEJORNALISMO.....	19
3.1 Convergência e outros conceitos. ....	20
4 JORNAL LOCAL - RESULTADOS E ANÁLISE DE RESULTADOS.....	23
4.1 Análise de vídeo <i>selfies</i> no Jornal Local .....	23
4.1.1 <i>Live</i> do dia 2 de agosto de 2017 .....	24
4.1.2 <i>Live</i> do dia 3 de agosto de 2017 .....	27
4.1.3 <i>Live</i> do dia 11 de agosto de 2017 .....	29
4.1.4 <i>Live</i> do dia 18 de agosto de 2017 .....	31
4.1.5 <i>Live</i> do dia 28 de agosto de 2017 .....	33
4.1.6 <i>Live</i> do dia 30 de agosto de 2017 .....	35
CONCLUSÃO .....	37
REFERÊNCIAS .....	39



## INTRODUÇÃO

Com o advento das novas tecnologias, a sociedade passou a adequar-se a esse novo contexto. Houve resistência, assim como tudo o que é novo, mas, hoje, basta olhar para o lado e perceber que as inovações tecnológicas já fazem parte do dia a dia das pessoas. *Wi-fi*, vídeos digitais, *smartphones*, *tablets* e correio eletrônico, o *e-mail*, são alguns exemplos abrangidos pelas novas tecnologias.

Dentro do campo jornalístico, as novas tecnologias trouxeram grandes contribuições, desafios e transformações, principalmente no âmbito de atuação. No Telejornalismo, entre as mudanças trazidas, destaque para as vídeoreportagens, com estética de *selfies*, conhecidas popularmente como vídeo *selfies* - matérias jornalísticas gravadas com o uso da câmera frontal do próprio celular. Em alguns casos, com o apoio do pau de *selfie*, instrumento utilizado como uma extensão do braço, já adotado por diversos veículos de comunicação.

O Telejornalismo tem vivido esta realidade e os veículos de comunicação passaram a adaptar-se a este universo. Os profissionais que atuam ou gerem esta área têm mudado sua forma de fazer Jornalismo, como o Jornal Local, da TV Brasília, objeto de estudo deste trabalho, que aderiu às chamadas reportagens vídeo *selfies* e tem investido cada vez mais neste tipo de abordagem.

Diante dessa realidade, o estudo científico busca identificar de que forma o Jornal Local tem se adaptado às novas tecnologias, especificamente aos *smartphones* e suas possibilidades de apresentar matérias com o recurso de vídeo *selfies*. Uma vez identificado, busca-se compreender quais as práticas, as técnicas e as metodologias empregadas e como esta realidade vem sendo integrada ao meio digital, bem como os desafios e a relevância para o futuro da profissão.

Para alcançar esses objetivos, foram escolhidos, aleatoriamente, seis jornais transmitidos ao vivo via *Facebook* do Jornal Local, do mês de agosto de 2017. Destes, analisaram-se aquelas matérias que fizeram o uso das vídeo *selfies*. Utilizou-se de pesquisa bibliográfica para compreender ferramentas contemporâneas tecnológicas aplicadas ao segmento e perceber como outros programas fazem uso destes recursos, bem como analisar como o Jornal Local vem trabalhando com as vídeo *selfies*. Michel (2005, p.32) destaca que “este tipo de pesquisa procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos, dispensando a elaboração de hipóteses”.

Espera-se demonstrar, com este estudo, a importância e o poder das inovações tecnológicas, além de mostrar as contribuições que elas podem trazer para o universo acadêmico, das emissoras, bem como para o futuro do Telejornalismo. Afinal, as tecnologias já são uma realidade para os profissionais de comunicação.

O presente trabalho foi, então, estruturado em quatro capítulos. No primeiro, faz-se um histórico do Telejornalismo, mostrando sua evolução até os dias atuais. No segundo capítulo, são apresentadas as novas tecnologias, com destaque para a *Internet* e os *smartphones*. No terceiro capítulo é feita a ligação entre o Telejornalismo e as inovações tecnológicas, mostrando como o último pode influenciar na forma de fazer Jornalismo televisivo. Para melhor embasamento do tema, há conteúdos explicativos acerca das videoreportagens e vídeo *selfies*. Também há uma subseção, trazendo os conceitos de convergência, hipertextualidade, multimidialidade, entre outros.

O quarto capítulo é destinado a um breve resumo sobre o Jornal Local. Este mesmo capítulo traz uma subseção, onde é feita a análise de videoreportagens que utilizam o recurso das vídeo *selfies*, com base nos autores pesquisados. Ao final, o trabalho irá mostrar se este recurso é viável para o futuro da profissão e apresentará os desafios trazidos pelas novas tecnologias, propondo soluções e outras pesquisas.

## 1 TELEJORNALISMO NO BRASIL

A história do Telejornalismo no Brasil começou praticamente junto com a da televisão, em 1950. Como ressalta Lorêdo (2010), foi no dia 18 de setembro daquele ano que a TV foi inaugurada, oficialmente, na América Latina, com a chegada da PRF - 3 - Tupi Difusora, canal 3, em São Paulo. Já no Rio de Janeiro, o início deu-se em 20 de janeiro de 1951, com a TV Tupi, canal 6.

Embora o lançamento da emissora tenha chegado alguns meses depois ao público carioca, eles puderam contar com uma amostra de como funcionaria a televisão, em 29 de julho de 1950. Lorêdo (2010) destaca que, em várias lojas da cidade, foram colocadas TVs importadas para a transmissão do programa de estreia, que comoveu toda a cidade. A programação era estrelada pelo frei José Guadalupe Mojica, cantor e ator mexicano.

As calçadas das lojas, com aparelhos ligados, ficaram intransitáveis, pois todos queriam ver a novidade. Era a televisão chegando ao Brasil, e os donos das lojas aproveitaram a oportunidade para fazer uma lista daqueles que queriam comprar um aparelho de TV logo que a Tupi fosse, de fato, inaugurada (LORÊDO, 2010, p.11)

É importante ressaltar que a transmissão aconteceu no Rio de Janeiro, antes da inauguração oficial da emissora de São Paulo. Esta é considerada a transmissão pioneira na América Latina, embora haja quem conteste tal fato. “Alceu Fonseca afirma que a primeira foi feita por ele, em 29 de setembro de 1948” (LORÊDO, 2010, p.11). Alceu defende que a Rádio Industrial de Juiz de Fora teria transmitido um jogo de futebol entre os times Tupi e Bangu, na referida data.

Muitos desafios permeavam o cenário que marca o início da televisão no Brasil, mas, ainda assim, um dia após a inauguração oficial, em 19 de setembro de 1950, a estação pioneira, TV Tupi de SP, lançou seu primeiro telejornal: Imagens do Dia, que, como aponta Mello (2009, p.1), “mostrava imagens brutas (sem edição) dos acontecimentos daquele dia”, durando o tempo que fosse preciso para transmitir as imagens e fotos.

Qual a melhor luz? Qual a maquiagem mais apropriada? Qual o melhor tom de cinza para os cenários? Tudo era uma interrogação. Estávamos todos ali aprendendo no improviso. A Tupi, tanto no Rio como em São Paulo, era a universidade da televisão brasileira, abrindo um caminho promissor para as futuras gerações. (LORÊDO, 2010, p. 6)

Fernando Barbosa Lima, um dos primeiros jornalistas a fazer parte de uma emissora de TV no país, lembra que, no período, reinava o amadorismo nas produções jornalísticas.

(...) como é que era feito o jornal de televisão até então? Tinha uma mesa e um apresentador, em cima da mesa tinha uma tabuleta com o nome do patrocinador e atrás uma cortina. O apresentador ia lendo ali as notícias, pois naquela época não existia teleprompter, ele lia mesmo as notícias. Volta e meia entrava uma radiofoto ou então um filme que era feito em um coquetel há cinco dias. A televisão era altamente condimentar. Na verdade, eu nem diria condimentar: era um jornal de rádio com uma câmera dentro do estúdio. Era exatamente isso (LIMA, 1999 apud CONTATO; SOUZA, 2015, p. 2).

Esta visão é compartilhada por Coutinho (2012, p.63), que destaca que o Telejornalismo contava com grande parte da programação ao vivo e se parecia mais com um rádio, utilizando imagens e o “recurso das ‘cabeças falantes’”.

Mas todos estes desafios serviram para abrir os caminhos para a televisão da forma como é vista em 2017. Porém, isto não teria acontecido, se não fosse pela decisão ousada de Assis Chateaubriand de trazer a TV para o Brasil.

Ele estava decidido e, por isso, contratou Luiz Jatobá, um dos maiores nomes do rádio e da televisão que o Brasil já teve, para dar início aos estudos sobre programação da futura emissora. Jatobá, que viveu muitos anos nos Estados Unidos, havia presenciado os primeiros passos e a implantação da televisão americana (LORÉDO, 2010, p. 9).

A ousadia de Chateaubriand, com o lançamento da televisão, alcançou um futuro talvez nem imaginado por ele. Hoje, 67 anos após a chegada do meio de comunicação ao país, a Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM) 2016, desenvolvida pela Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República, destaca que a televisão ainda é o meio de comunicação mais utilizado para a busca de informações no Brasil. Os dados apontam que nove entre cada dez entrevistados fizeram menção em primeiro ou segundo lugar a TV como o veículo preferido para se informarem. No total, foram realizadas 15.050 entrevistas, em 740 municípios, das 27 Unidades da Federação.

Sobre o hábito de assistir televisão, os dias da semana ocupam o lugar de destaque. 47% dos entrevistados afirmaram ver TV de segunda a sexta-feira, enquanto 27% disseram ver, preferencialmente, aos sábados e/ou domingos. Outros 26% alegaram assistir na mesma proporção, tanto em dias da semana como aos finais de semana.

Diante deste cenário, é possível perceber o quão relevante a televisão e, em especial, os telejornais, são para a população, uma vez que a PBM destaca que a TV ocupa o primeiro lugar no ranking na busca por informações. E este cenário perdura desde quando a televisão chegou ao país. Embora Negroponte (1995 apud FERRARI, 2003, p. 10-11) acreditasse que:

Em 2000 haverá mais gente se divertindo na Internet do que assistindo àquilo que hoje chamamos de rede de televisão (...) a comunidade de usuários da Internet vai ocupar o centro da vida cotidiana. Sua demografia vai ficar cada vez mais parecida com a do próprio mundo.

Apesar de ainda ser referência na busca por informações, a TV, de fato, agora compete com outras mídias e inovações trazidas com o advento das novas tecnologias, especialmente a *Internet*. Para os jornalistas e veículos de comunicação, não exclusivos aos de televisão, este cenário tornou-se desafiador, uma vez que, para manter a audiência do público, é preciso adaptar-se aos novos recursos e opções tecnológicas. E, para isso, os telejornais têm inserido outras formas de abordagem televisiva, em busca de continuarem atraindo os seus telespectadores, que agora também se encaixam como internautas e produtores de conteúdo. Esta realidade é prevista por Barbeiro e Lima:

O jornalismo na era da informática [...] está arriscado a ser uma peça do sistema que determina não só os produtos consumidos pela massa como o próprio jornalismo. Se depender da ideologia do mercado o poder vai estar nas mãos do telespectador, uma vez que ele é o consumidor. O telespectador poderá escolher quais programas jornalísticos irá comprar e instantaneamente fazer a comparação com os programas de outras emissoras. (BARBEIRO; LIMA, 2002, p.40)

Para os autores, estas transformações tecnológicas vividas trazem reflexos ao mundo do mercado de trabalho. Caetano, Barbosa e Quadros (apud QUADROS, CAETANO e LARANGEIRA, 2011, p.82) compartilham da mesma ideia e ressaltam que:

Há que se considerar que, de fato, as transformações nos processos tecnológicos significaram mudanças marcantes nas relações de trabalho. Essas são consequências mais palpáveis e que foram imediatamente sentidas: acabam diversas funções, antes primordiais e o jornalista se transforma num profissional que é múltiplo: repórter, redator, revisor, editor, diagramador. Há de imediato a intensificação da jornada de trabalho, jornada essa que sempre foi cruel, assistindo-se a uma flagrante pauperização nas relações de trabalho. Enfim, emerge o simples produtor de conteúdo, inicialmente, e com as possibilidades cotidianas das redes de computadores muda inteiramente o conceito de autor. Paralelamente, passa-se a exigir,

cada vez mais, maior qualificação e uma especialização sempre crescente.

Com o advento das novas tecnologias e da *Internet*, a prática diária dos jornalistas em todas as esferas precisou passar por transformações e adaptações.

## 2 A INTERNET E AS NOVAS TECNOLOGIAS

A prática jornalística tem vivido diversas transformações, desafios e mudanças após o advento das novas tecnologias digitais, com destaque para a *Internet* e, conseqüentemente, os *smartphones* com acesso a rede por meio das tecnologias 3G e 4G.

Estes equipamentos tecnológicos permitem ao seu utilizador estar constantemente contactável, poder partilhar experiências, locais, acontecimentos, instantaneamente, em qualquer lugar e a qualquer hora. Estas funcionalidades foram impulsionadas principalmente pela possibilidade de os utilizadores, cada vez mais, se poderem conectar com a internet através dos seus dispositivos. Esta simbiose criada entre dispositivos móveis e internet transformou completamente a forma como as pessoas interagem nos dias de hoje, transformando-as em fontes de transmissão de informação em constante movimento (MENDES, 2013, p.26).

Se por um lado “facilitou o trabalho do jornalista, por outro, ele o ‘complicou’, na medida em que deu ao usuário que ‘domina’ as ferramentas tecnológicas o poder de participar da confecção da notícia” (STEGANHA, 2010, p. 14).

Mendes (2013) acredita que uma das principais características da realidade tecnológica é o acesso constante às informações, que, segundo ele, é direcionado:

[...] principalmente para os jornalistas que viram um novo paradigma a ser criado: a possibilidade de acrescentar uma maior qualidade ao seu trabalho através da utilização de ferramentas que lhes permitem usufruir de alguns instrumentos fundamentais do jornalismo como o contacto permanente, o acesso constante a fontes de informação e a partilha imediata e instantânea de conteúdos. (MENDES, 2013, p.24)

Entretanto, Caetano, Barbosa e Quadros (apud QUADROS, CAETANO E LARANGEIRA, 2011, p.67) alertam para os cuidados com as informações disponíveis neste novo cenário.

[...] o acesso às possibilidades que a tecnologia coloca em cena facilita o trabalho do jornalista, que pode transmitir com mais eficiência e rapidez suas informações, colher dados e estar conectado às notícias do mundo, há que se ter em mente que a profusão de informação significa muitas vezes acesso à desinformação. Colocam-se em rede dados errôneos, calúnias, difamações, informações truncadas, erradas etc. É preciso conhecer para selecionar, sob pena de cair em armadilhas infundáveis.

Nos dias atuais, basta uma pessoa ter um celular na mão, com acesso a *Internet*, para registrar cenas que podem ser aproveitadas pelos veículos de comunicação como notícia, como já é possível observar em telejornais. Um exemplo

é o DFTV 1ª edição, da Rede Globo, que incentiva os telespectadores a enviarem imagens para o quadro “Sem Noção” e também a entrarem em contato via *WhatsApp*<sup>1</sup>. Tais imagens registradas com o uso do celular podem ser publicadas pelo próprio usuário em suas redes sociais ou em alguma página da web específica. Jenkins (2009, p.30) chama este cenário de cultura participativa.

A expressão cultura participativa contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes agindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo.

Nesta mesma linha, Lemos (2005, p.2) pontua que:

A nova dinâmica técnico-social da cibercultura instaura assim, não uma novidade, mas uma radicalidade: uma estrutura midiática ímpar na história da humanidade onde, pela primeira vez, qualquer indivíduo pode, a priori, emitir e receber informação em tempo real, sob diversos formatos e modulações, para qualquer lugar do planeta e alterar, adicionar e colaborar com pedaços de informação criados por outros.

Observe que o autor já destaca a realidade onde as pessoas deixam de ser somente receptoras das informações, no ano de 2005. Agora, em 2017, a realidade é cada vez mais desafiadora, principalmente para os jornalistas, que têm que competir com os “repórteres de ocasião”, como aponta Steganha (2010).

Vale ressaltar que Lemos (2005, p.1) compreende como cibercultura as “relações entre as tecnologias informacionais de comunicação e informação e a cultura, emergentes a partir da convergência informática / telecomunicações na década de 1970”.

Ainda dentro desta realidade da cibercultura, o autor destaca três leis fundadoras da mesma: “a liberação do pólo da emissão, o princípio de conexão em rede e a reconfiguração de formatos midiáticos e práticas sociais” (LEMOS, 2005, p.1).

A primeira lei seria a liberação do pólo da emissão. As diversas manifestações socioculturais contemporâneas mostram que o que está em jogo com o excesso e a circulação virótica de informação nada mais é do que a emergência de vozes e discursos, anteriormente reprimidos pela edição da informação pelos mass media. [...] A segunda lei é a do “tudo em rede”. Aqui a máxima é “a rede está em todos os lugares”, ou como dizia a publicidade da “Sun System”, “o verdadeiro computador é a rede”. Chamamos essa segunda lei de princípio de conectividade generalizada. [...] A terceira seria a lei da reconfiguração. Aqui a máxima é “tudo muda, mas nem tanto”. Devemos evitar a lógica da substituição ou do aniquilamento já

---

<sup>1</sup> Aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz



que, em várias expressões da cibercultura, trata-se de reconfigurar práticas, modalidades midiáticas, espaços, sem a substituição de seus respectivos antecedentes [...] (LEMOS, 2005, p.2-3).

Como bem caracteriza Lemos (2005), a cibercultura traz a realidade a qual os jornalistas e os veículos de comunicação enfrentam em busca de se manterem no mercado, que está cada vez mais exigente, diante de tantos recursos tecnológicos disponibilizados. Vale fazer uma diferenciação entre *Internet* e *web*, para melhor embasamento do atual cenário.

Sob o risco de simplificar excessivamente, a Internet é a infraestrutura que permite aos computadores se comunicar entre si por todo o globo terrestre. A web é a interface que permite às pessoas trocar dados, textos, fotos, gráficos, sons e vídeo por meio da Internet. Existem outros comunicadores da Internet, bem como da World Wide Web. O mais conhecido é o correio eletrônico ou e-mail. A web e o e-mail são as duas aplicações online com maior impacto sobre o jornalismo atualmente (WARD, 2006, p.10).

É como aponta Colombo (1998, p. 201),

Algumas inovações de importância extraordinária são já uma realidade em acção. Cada inovação muda, no entanto, também a paisagem cultural, psicológica e política, que rodeia a notícia e a sua credibilidade. E torna imensamente mais fácil e imensamente mais difícil o trabalho do jornalista.

De acordo com o autor, as inovações facilitam, mas também podem dificultar o trabalho. A maneira de se fazer o Jornalismo ainda é a mesma: com apuração, busca por fontes, personagens e entrevistas. Barbeiro e Lima (2002, p.44) destacam que “a utilização da nova tecnologia não exime o jornalista de questionamentos, aprofundamentos das reportagens que desenvolve e o compromisso com o que julga ser o certo, o bom e o justo”. Para os autores, “mesmo com toda a tecnologia digital disponível, o Jornalismo depende da velha e boa reflexão, investigação, acurácia e divulgação” (BARBEIRO; LIMA, 2002, p.44).

É como destacam Caetano, Barbosa e Quadros (apud QUADROS, CAETANO e LARANGEIRA, 2011, p.75):

Para a apuração do fato disponibilizado na internet em forma de vídeo são seguidos critérios jornalísticos, como verificar fontes e ouvir especialistas. Por trás desse infoentretenimento, há intenção de mostrar que o meio de comunicação tem autoridade e habilidade para realizar tal ação. Nesse sentido, é reforçada a imagem da mídia de referência com credibilidade que o cidadão/leitor/telespectador/ouvinte/internauta pode utilizar como um norte de seu cotidiano.

Ainda que exista um leque de mudanças e novas formas de apurar ou noticiar um tema específico, as questões ligadas a credibilidade dos meios de comunicação são mantidas, uma vez que eles ainda são fontes relevantes de informação para a população. Steganha (2010, p.13) pontua que “as ferramentas utilizadas para construir e apurar a notícia mudaram, e isso não foi só para o jornalismo online, mas sim para todos os tipos de Jornalismo”. E, aqui, vale destacar a realidade do Telejornalismo.

Há o perigo de as novas ferramentas tecnológicas ocuparem o centro da cena e pôr o jornalista, agente de difusão da notícia, para escanteio? Sim, há o perigo de que o fascínio provocado pela informática e o pretensão jornalismo instantâneo, ao vivo, ocupem o centro da cena. (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 40 e 41).

As novas ferramentas, de fato, já tem roubado a cena. Entretanto, os jornalistas têm se adaptado ao cenário, utilizando-se das inovações tecnológicas em favor de seu trabalho.

Silva e Alves (2016, p.4) listam três fases que marcam as mudanças no Jornalismo televisivo, com base em estudos sobre a influência da *Internet* e da cibercultura no Telejornalismo: transpositiva, hipermediática e expandida.

Fase transpositiva: ocorre quando as emissoras de televisão lançam os portais na web a partir dos anos 2000 e começam a articular o conteúdo dos programas jornalísticos em sites, além de oferecer o acesso aos vídeos dos telejornais (na íntegra – para assinantes) para os seus espectadores. [...] A característica principal desta fase é que os sites dos telejornais hospedados nos portais funcionam como um repositório dos conteúdos jornalísticos veiculados anteriormente somente pela televisão. Ainda nesta fase são iniciadas as primeiras tentativas de interação com o público no ambiente virtual através de chats online com comentaristas, convidados, repórteres ou apresentadores (SILVA; ALVES, 2016, p.5).

Já na fase hipermediática, os telejornais passam a ser transmitidos, simultaneamente, na TV e na *web*, utilizando-se da convergência.

A característica marcante deste estágio é o fenômeno da segunda tela, em que o telespectador pode acompanhar o conteúdo televisivo no ambiente das redes, de forma complementar. Ainda nesta fase destaca-se o aumento e a otimização dos espaços para participação do público com o envio de pautas, fotos e vídeos que passam a integrar os conteúdos dos telejornais (SILVA; ALVES, 2016, p.5).

Por fim, o Telejornalismo passou pela fase chamada de expandida.

Ocorre quando os telejornais passam a criar conteúdos, exclusivos ou não, para outras plataformas, sejam redes sociais ou aplicativos, de forma a expandir os conteúdos jornalísticos para novos formatos. É o estágio em que nos encontramos hoje, vivenciado de forma diferenciada por emissoras e telejornais, mas que tem em comum a

característica de contar com o repórter televisivo ou o apresentador do telejornal fora do seu ambiente nativo, a televisão (SILVA; ALVES, 2016, p.5).

Cada uma destas fases vividas pelo Telejornalismo brasileiro tem ligação direta com as inovações tecnológicas.

### 3 INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS NO TELEJORNALISMO

*Smartphones*, *Internet*, câmeras digitais, *tablets*, *notebooks* e relógios inteligentes. Estes são apenas alguns exemplos abrangidos pelas novas tecnologias. No âmbito do Telejornalismo, destaque para os *smartphones*, que além de integrarem câmeras, também permitem acesso a web.

O celular consolida [...] a sua integração com outros meios. Com ele, o telefone está se tornando música, mapa, filmadora, máquina fotográfica. O celular pode gravar músicas e tocá-las. O celular pode filmar e passar filmes. O telefone virou *walkman*, gravador, câmera, jornal, rádio e televisão (BASILE, 2009, p.127).

Diante desta realidade e com foco em seguir as tendências, alguns telejornais passaram a adotar a estética das *selfies* às vídeoreportagens transmitidas, agregando, também, as redes sociais, com transmissões ao vivo do programa, bem como disponibilização de conteúdos para cada plataforma.

Para tratar acerca desta inovação ligada às vídeoreportagens, é importante compreender o que são elas.

A vídeoreportagem estabelece o conceito de que um repórter é capaz de produzir sozinho uma reportagem para a televisão. Ele filma, entrevista, conta a história, edita e pode até apresentar a reportagem que fez. Isso se contrapõe à equipe tradicional que reúne repórter, produtor, editor, cinegrafista, iluminador, responsável pelo áudio e motorista. O “repórter abelha”, como ficou conhecido, ou vídeorepórter, surgiu no Brasil no final de 1987, na TV Gazeta de São Paulo [...] (BARBEIRO; LIMA, 2002, p.73)

O conceito hoje, em 2017, de que neste tipo de abordagem a câmera deve ser a extensão do corpo, ainda é o mesmo. A diferença é que as vídeoreportagens, agora, com a chegada dos *smartphones*, podem ser gravadas com o uso do próprio celular e não mais com o apoio das câmeras tradicionais. Barbeiro e Lima (2002, p.73) apontam que vídeoreportagens permitem que os jornalistas produzam “reportagens num formato diferente do tradicional *off-passage-sonora*, consagrado nos telejornais”.

Mendes (2013, p.31) ressalta que “o sucesso dos *smartphones* deve-se, principalmente, a características como a multimedialidade, a hipertextualidade e a interatividade, tudo isto num dispositivo portátil e pessoal”. E aqui vale acrescentar a facilidade de acesso a esta nova tecnologia.

No atual cenário, os telejornais passaram a introduzir a estética das *selfies* às vídeoreportagens, conhecidas popularmente como vídeo *selfies*. É importante ressaltar, ainda, os acessórios para os *smartphones*, como o pau de *selfie*, que têm

permitido que a câmera seja não somente extensão do corpo, mas também do braço. É como apontam Barbeiro e Lima (2002, p.15), “o jornalismo de cada época é feito com os meios, recursos e tecnologia disponíveis, no interior das estruturas econômicas e institucionais vigentes”.

A jornalista Vanessa de Sá, em um texto publicado em seu perfil no LinkedIn, chama esta adaptação de Jornalismo *selfie*.

Não é mais possível relatar os fatos sem estar onde eles estão, sem também ser testemunha deles, sem ser mais um na multidão. O jornalismo *selfie* é isso, é virar o smartphone na sua direção e contar uma história, dali, de onde ela acontece e na hora em que ela acontece. Os jornalistas não podem mais ficar presos a seus telefones de mesa. Eles terão de sair das redações e somar-se à massa que hoje já sabe, porque foi empoderada pela tecnologia, que ela também pode ser produtora de notícia. O jornalismo *selfie* permite narrar uma história de um modo mais íntimo, aproxima a audiência do evento, nos faz nos sentirmos ali, ao lado do repórter. Ou de quem quer que seja que esteja segurando o celular. Essa é a grande sacada. Com Facebook e Youtube liberando vídeos 360 graus, o jornalismo *selfie* tem tudo para florescer rapidamente. Aguardemos os próximos capítulos (SÁ, 2017).

O Jornalismo *selfie* surge como um futuro promissor para a profissão. Alguns conceitos ligados a era das novas tecnologias são relevantes para entender todas estas mudanças.

### 3.1 Convergência e outros conceitos

O termo cultura da convergência foi proposto pelo norte-americano Henry Jenkins, um dos pesquisadores de mídia mais influentes atualmente. Segundo Jenkins (2009, p.377):

Talvez num conceito mais amplo, a convergência se refira a uma situação em que múltiplos sistemas de mídia coexistem e em que o conteúdo passa por eles fluidamente. Convergência é entendida aqui como um processo contínuo ou uma série contínua de interstícios entre diferentes sistemas de mídia, não uma relação fixa.

Ou seja, as diversas plataformas de mídia são utilizadas para transmissão de determinado conteúdo, sendo que cada uma delas exige uma abordagem diferente, mas todas podem contar uma mesma história.

Canclini (2008, p.34) acrescenta que:

Agora, a convergência digital está a articular uma integração multimídia que permite ver e ouvir, no telemóvel, no palm ou no iPhone, áudio, imagens, textos escritos e transmissão de dados, tirar fotos e fazer vídeos, guardá-los, comunicar-se com outras pessoas e receber as novidades em um instante.

E o Telejornalismo tem sido o reflexo dos conceitos de convergência, uma vez que os telejornais brasileiros já não são exclusivos a plataforma de televisão. Os veículos de comunicação adentraram o mundo online também. Transmissões ao vivo dos telejornais já são uma realidade. É uma ligação entre o mundo digital e o da tela tradicional. Silva e Alves (2016, p.10) relatam que “o Jornal da Band foi o pioneiro na TV aberta a utilizar a ferramenta Facebook Ao Vivo para realizar a transmissão do telejornal, simultaneamente ao da TV aberta, desde o dia 11 de julho de 2016”.

Para Basile (2009), as mudanças enfrentadas pelos meios de comunicação vivem uma contínua convergência. “A TV pode buscar características da *Internet* ou do jornal impresso. A TV pode ser antiga ou futurista, ter holograma vivo ou comentário escrito. Tudo depende do uso dos meios por cada emissora” (BASILE, 2009, p.133).

Nesta mesma linha, acerca de características do atual cenário, Palácios (2003) destaca Multimedialidade/Convergência, Interatividade, Hipertextualidade, Memória e Instantaneidade/Atualização Contínua.

[...] multimedialidade refere-se à convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico. A convergência torna-se possível em função do processo de digitalização da informação e sua posterior circulação e/ou disponibilização em múltiplas plataformas e suportes, numa situação de agregação e complementaridade. (PALÁCIOS, 2003, p. 18)

Sobre interatividade, o autor considera a ligação entre o leitor/usuário e os jornalistas/veículos, possibilitada pela notícia online, que permite que os mesmos sintam-se parte do processo jornalístico, seja por meio de e-mails ou pela disponibilização da opinião dos leitores em sites. Palácios (2003) ainda traz os conceitos de Machado Gonçalves, que acredita que a interatividade acontece, também, dentro da notícia, por meio do hipertexto. Hipertextualidade é descrita por Palácios (2003, p.19) como uma ferramenta que “possibilita a interconexão de textos através de links”.

Já em relação a memória, Palácios (2003, p.20) diz que “na web a memória torna-se coletiva, através do processo de hiperligação entre os diversos nós que a compõem”. O autor ainda acrescenta que, no Jornalismo Online, o volume de informação disponibilizado cresce exponencialmente. Acerca da instantaneidade/atualização contínua:

A rapidez do acesso, combinada com a facilidade de produção e de disponibilização propiciadas pela digitalização da informação e pelas tecnologias telemáticas, permitem uma extrema agilidade de atualização do material nos jornais da web. Isso possibilita o acompanhamento contínuo em torno do desenvolvimento dos assuntos jornalísticos de maior interesse. (PALÁCIOS, 2003, p.20)

Tais características passaram a fazer parte do mundo dos jornalistas e dos veículos de comunicação e podem ser percebidas nos mesmos.

## 4 JORNAL LOCAL<sup>2</sup> - RESULTADOS E ANÁLISE DE RESULTADOS

A TV Brasília foi a primeira emissora de televisão da capital federal. Pertencente ao grupo Diários Associados, a TV nasceu junto com Brasília, em 21 de abril de 1960. O Jornal Local, objeto de estudo deste trabalho, faz parte da programação da emissora, juntamente com o DF Alerta, CB.Poder e Vrum Brasília.

O telejornal vai ao ar de segunda a sexta-feira, às 13h, nos canais 6.1, da TV aberta, e 18 ou 518, da NET, sob o comando da apresentadora Simone Souto, que tem como substitutas Gláucia Guimarães e Ana Carla Mourão. A equipe atual conta com os repórteres: Andrei Helber, Paula Lobão, Simone Andrade e Bruno Feitosa; produtores: Jessica Nascimento, Roberta Belize, Marília Saldanha e Fernando Jordão; editores: Lucas Doca e Luiza Machado; cinegrafistas: Humberto Colacci e Orlando Rosa; coordenadora multimídia: Marina Amaral; estagiários: André Rosa e Thais Miranda; e editor-chefe: Darcy Júnior. Vale ressaltar que, embora cada profissional tenha uma função pré-definida, todos são multidisciplinares, ou seja, podem atuar em outras funções dentro do telejornal.

As inovações tecnológicas influenciaram na história do telejornal, que, ao longo de sua trajetória, tem trocado aos poucos as câmeras pelos equipamentos que cabem na palma da mão, os *smartphones*, mas sem substituí-las, até então.

O Jornal Local passou a investir em novas formas de produzir e publicar conteúdos, tanto nas redes sociais quanto no telejornal, adotando as videorreportagens, com estética de *selfie*. Esta nova abordagem, a vídeo *selfie*, foi publicada, pela primeira vez, no dia 4 de setembro de 2013, na página do *Facebook* do telejornal. Vale ressaltar que o Jornal Local também iniciou transmissões ao vivo, por meio da fanpage e *Youtube*, no dia 22 de junho de 2017.

### 4.1 Análise de vídeo *selfies* no Jornal Local

Para a análise, foram levados em consideração os conceitos de convergência, interatividade, apuração, novas tecnologias e *Internet*, a forma de fazer Telejornalismo, bem como pontos acerca das videorreportagens. Foram assistidos oito telejornais disponibilizados no *Facebook*, por meio do recurso ao vivo no mês de agosto de 2017. Destes, foram analisadas as videorreportagens que

---

<sup>2</sup> Dados apontados pela coordenadora multimídia do Jornal Local, Marina Amaral, a pesquisadora, no dia 17 de outubro de 2017



fizeram o uso da estética da *selfie*. Vale destacar que o mês e os dias foram escolhidos de forma aleatória pela pesquisadora.

#### 4.1.1 Live do dia 2 de agosto de 2017

Figura 1 – Entrevista feita com recurso vídeo *selfie*



Fonte – Print screen de tela feito pela autora do trabalho

Neste dia, uma matéria da repórter Paula Lobão trata sobre as bancas fechadas no Shopping Popular, em Brasília. Na videorreportagem, há dois momentos onde foram identificadas as vídeo *selfies*. O primeiro, quando a jornalista mostra o cenário do shopping com a câmera frontal do celular, e o outro, quando entrevista uma feirante, conforme mostra a Figura 1. O restante da matéria é feito de maneira tradicional, com microfone, câmeras e cinegrafista. Durante a entrevista por meio da vídeo *selfie*, percebe-se que a imagem fica tremida e sem foco, mas, como defendem Barbeiro e Lima (2002), nas videorreportagens é comum ter panorâmicas tremidas, rostos deformados, porém, isto não reflete na credibilidade da matéria.

Figura 2 – Repórter Bruno Feitosa



Fonte – *Print screen* de tela feito pela autora do trabalho

O programa deste dia também traz uma matéria sobre um terminal rodoviário que foi construído, mas não há iluminação pública ao redor. A reportagem de Bruno Feitosa foi feita após o envio de vídeo de um telespectador, que mostrava o local às escuras. O material foi enviado ao *WhatsApp* do Jornal Local e tornou-se pauta, o que vai ao encontro do que Steganha (2010) considera como uma participação do leitor/telespectador na confecção das notícias.

Na videorreportagem, o jornalista utiliza o recurso da vídeo *selfie* em grande parte do material. Entretanto, mescla com entrevistas tradicionais, utilizando microfone e gravações com câmeras comuns. Em uma das passagens, é possível perceber a utilização do pau de *selfie*, devido a uma sombra mostrada no rosto do repórter, conforme a Figura 2. A matéria traz dados sobre o terminal, entrevistas com personagens, bem como uma nota pé com a resposta oficial da Companhia Energética de Brasília (CEB). Isto mostra o que Caetano, Barbosa e Quadros apud Quadros, Caetano e Lorangeira (2011) ressaltam sobre a apuração de fatos na internet em forma de vídeo. Verificar fontes e ouvir especialistas continua sendo função do jornalista, mesmo com as novas tecnologias. O jornal recebeu a denúncia, mas checkou a informação antes da mesma ser veiculada, como pode ser percebido na apuração.

Pela transmissão ao vivo, esta reportagem recebeu um comentário na *fanpage* poucos minutos após ser transmitida. Isso demonstra, na prática, a interatividade pontuada por Palácios (2003), que permite que os telespectadores e internautas emitam sua opinião. Entretanto, apesar da interação, não houve um *feedback* por parte da *fanpage* do JL.

Figura 3 – Repórter grava vídeo *selfie* no veículo



Fonte – Print screen de tela feito pela autora do trabalho

Já outra videoreportagem, de Paula Lobão, também veiculada neste dia, aborda a falta de um retorno, que tem complicado o acesso de motoristas em Santa Maria. Neste caso, a jornalista foi conhecer, de perto, a situação pela qual passam os moradores da região. O cenário das gravações é dentro do carro, com o uso do próprio celular, como mostra a Figura 3. Porém, quando se fala com os personagens, na hora da sonora, é utilizada a entrevista com o tradicional microfone.

Nesta matéria, é possível identificar o que Sá (2017) aborda sobre o jornalismo *selfie*. Segundo ela, ele torna possível que uma história seja narrada de maneira mais íntima, fazendo o telespectador se sentir ao lado do repórter. E, de fato, nesta reportagem, percebe-se isto, uma vez que a jornalista está dentro do cenário e da situação vivida pelos moradores. Mais uma vez, a interação é notada, com comentários ao vivo de internautas.

A última matéria que utiliza da estética da vídeo *selfie* neste dia também é feita por Bruno Feitosa. A pauta versa sobre a falta de medicamento para tratamento de HIV na rede pública. Nesta, somente no início é utilizada a nova abordagem. O restante é gravado por meio de câmeras comuns e as entrevistas, novamente, são feitas com o uso do microfone. Percebe-se, assim, que o Jornal Local mescla o tradicional e o digital.

#### 4.1.2 Live do dia 3 de agosto de 2017

Figura 4 – Jornalista Andrei Helber faz passagens com vídeo *selfies*



Fonte – Print screen de tela feito pela autora do trabalho

Em uma reportagem de Andrei Helber, é tratada a morte de um comerciante em Sobradinho. Nesta abordagem, com uso da vídeo *selfie*, o repórter narra cada fato do acontecimento com gravações em locais que contam ou fazem parte da história. A primeira passagem é feita em frente à loja de motos, cenário do crime. Depois, o repórter faz sua gravação na área verde, local para onde o autor do crime fugiu e roubou um carro para continuar a fuga. A última passagem com estética de *selfie* foi gravada em frente a um posto da Polícia Militar, que fica próximo ao local do crime, conforme mostra a Figura 4.

Aqui, percebe-se o que Barbeiro e Lima (2002) pontuam sobre as videorreportagens. Os autores destacam que nestas abordagens, o repórter se envolve no caso que acompanha e se torna uma espécie de testemunha do acontecimento, chegando a virar personagem ao contextualizar as gravações. E isto

pode ser notado na narração do jornalista. A matéria ainda trouxe entrevistas com comerciantes, além de uma fonte oficial, representante da Polícia Militar. Isso reforça a credibilidade dos materiais, mesmo que feitos com novas tecnologias.

Após receberem um vídeo de uma telespectadora, mostrando um vazamento de água proveniente de uma obra em Vicente Pires, que alagou a rua, a redação do Jornal Local foi até a região apurar o problema. Nesta matéria de Bruno Feitosa, é possível, também, identificar a contextualização e testemunho de determinado fato, trazida por Barbeiro e Lima (2002). Na Figura 5, é possível perceber que o repórter, de fato, viveu aquela situação pela qual passam os moradores. Esta parte da matéria, especificamente, foi feita sem a utilização da vídeo *selfie*. Entretanto, o repórter utilizou o recurso para entrevistas com moradores e para explicar o fato.

Figura 5 – Bruno Feitosa atravessa rua alagada



Fonte – *Print screen* de tela feito pela autora do trabalho

No programa deste dia, a repórter Paula Lobão também trouxe uma reportagem com o uso da *selfie*, para tratar sobre um vídeo onde um agente da Agefis recolhe o celular de uma pessoa que filmava uma das abordagens dos mesmos. O Jornal Local foi apurar o caso e a repórter mostrou o passo a passo desta apuração, tanto por meio de imagens gravadas por meio do celular quanto por imagens de cinegrafista. A equipe conversou com flanelinhas, cidadãos, além de seguir em busca de uma resposta da Agefis. Este caminho e a abordagem na



agência são gravados por meio do celular. É como diz Steganha (2010): algumas ferramentas para construção e apuração de uma notícia mudaram. Neste caso, destaque para os *smartphones*, ferramenta tecnológica principal utilizada para apurar e produzir esta notícia.

#### **4.1.3 Live do dia 11 de agosto de 2017**

Na edição do Jornal Local deste dia, foi possível identificar, claramente, os conceitos ligados à convergência dos meios digitais e interatividade, no momento em que os próprios telespectadores gravaram vídeo *selfies*, comentando uma notícia sobre uso de celulares em presídios e enviaram por meio do *WhatsApp*. O telejornal transmitiu alguns dos vídeos enviados, conforme a Figura 6. Isto exemplifica algumas ideias levantadas por Mendes (2013), que dizem que a *Internet* e os dispositivos móveis transformaram a maneira como pessoas interagem e tornam-se fontes de transmissão em movimento constante.

Sobre o envio dos vídeos por parte dos telespectadores, bem como a transmissão ao vivo do Jornal Local, pode ser identificada a fase hipermediática explicada por Silva e Alves (2016). Segundo os autores, ela acontece quando telejornais passam a ser transmitidos de maneira simultânea na TV e na *Internet*, utilizando-se da convergência. Nesta mesma fase, há o destaque para a participação do público, com envios de pautas, fotos e vídeos, que passam a integrar o conteúdo dos jornais, como aconteceu com os telespectadores destacados.

Figura 6 – Telespectadores enviam vídeo *selfies* por *WhatsApp*



Fonte – *Print screen* de tela feito pela autora do trabalho

Neste programa, os repórteres Bruno Feitosa e Andrei Helber fazem outras três reportagens com a utilização das vídeo *selfies*. A de Bruno trata sobre a operação da Polícia Militar nas ruas do Guará. A matéria traz uma entrevista com um coronel da corporação, feita por meio da câmera frontal do celular. É possível observar que a linguagem nestas matérias gravadas com os *smartphones*, ainda que sejam entrevistas com uma fonte oficial, por exemplo, acontecem em tom coloquial. Palavras como “tá”, “pra”, “Seu Fausto” são proferidas. Percebe-se que isto aproxima o telespectador da narrativa, uma vez que o jornalista fala a linguagem do público. Como dizem Barbeiro e Lima (2002), repórteres devem falar de forma compreensível para pessoas comuns.

O Jornal Local trouxe mais duas reportagens vídeo *selfies* de Andrei Helber: uma tratava de uma passeata de estudantes pela paz e outra sobre o BRT fechado. Nesta primeira, observa-se que grande parte das imagens foram gravadas pelo celular e somente há uma passagem *selfie* do repórter. Nas demais gravações, ele não aparece. Percebe-se, em uma das entrevistas com estudantes, as imagens sempre em movimento, características de vídeoreportagens, conforme Barbeiro e Lima (2002). O estudante está caminhando e respondendo ao repórter. Este dinamismo é notado.

Figura 7 – Repórter mostra cenário encontrado



Fonte – *Print screen* de tela feito pela autora do trabalho

Já a vídeo *selfie* de Andrei Helber sobre o BRT de Santa Maria, que se encontra fechado há três meses, é uma suíte<sup>3</sup>. Nota-se que o repórter segue as orientações de Barbeiro e Lima (2002), que dizem que matérias deste tipo devem relembrar o fato ocorrido anteriormente, antes de dar prosseguimento às novas informações. Logo no início, é possível perceber este fato. Em seguida, o jornalista mostra como está a situação do terminal, indicando vidros quebrados, catracas fechadas, conforme mostra a Figura 7. Neste caso, o microfone na mão torna-se desnecessário.

#### 4.1.4 *Live* do dia 18 de agosto de 2017

A edição do Jornal Local deste dia contou com vídeo *selfies* enviados por telespectadores/internautas novamente. Esta realidade reforça não somente a utilização das novas tecnologias a favor do Telejornalismo, como vai ao encontro do que Jenkins (2009) chama de cultura participativa, onde produtores e consumidores da mídia deixam de ocupar papéis separados. É como Lemos (2005) destaca sobre a cibercultura. Hoje, qualquer pessoa pode receber e emitir informações em tempo real, no caso da transmissão ao vivo via *Facebook* ou *WhatsApp*, por meio de

<sup>3</sup> Reportagem que explora os desdobramentos de um fato que foi notícia na edição anterior



variados formatos. Neste caso específico, telespectadores contribuem em forma de vídeo enviado por *Whatsapp*, divulgado pelas âncoras, como mostra a Figura 8.

Figura 8 – JL incentiva interação de internautas / telespectadores



Fonte – Print screen de tela feito pela autora do trabalho

Nesta ligação entre diversas formas de difundir a informação, nota-se uma convergência entre jornalistas, veículos de comunicação, internautas, telespectadores e redes sociais.

No programa deste dia, observa-se a presença de três vídeoreportagens com a estética da *selfie*. Em uma matéria de Paula Lobão sobre o rompimento de uma adutora, é possível notar que todas as passagens da repórter foram feitas por meio da vídeo *selfie*, bem como algumas das entrevistas com personagens. Nesta reportagem, a jornalista viveu o fato que narrou. E isso, segundo Barbeiro e Lima (2002), traz mais emoção ao fato e credibilidade, por mostrar somente pessoas que fazem parte do acontecimento. A repórter, literalmente, enfrenta os transtornos de moradores para noticiar o fato tal como ele é.

O programa do dia trouxe, ainda, duas reportagens de Bruno Feitosa: uma sobre a produção de pimentão e outra da 1ª Copa dos Garis. Vale destacar da primeira que o repórter, em uma de suas passagens vídeo *selfies*, conta uma experiência/opinião própria, recurso, até então, pouco utilizado no Jornalismo tradicional. Este ponto aproxima o telespectador daquele fato narrado. Este recurso é relevante em vídeoreportagens.

A última matéria de Bruno Feitosa aborda a 1ª Copa Gari – 2017. Nesta, percebe-se que, embora as gravações *selfie* sejam feitas com o uso do celular, o repórter utiliza o microfone, que otimiza o áudio gravado. Entretanto, foi percebida uma falha na edição da reportagem, ao tentar mesclar imagens de celular e câmeras profissionais, juntamente com o áudio. A quebra de imagens e sons pôde ser notada.

#### 4.1.5 Live do dia 28 de agosto de 2017

Figura 9 – Paula Lobão narra tragédia



Fonte – Print screen de tela feito pela autora do trabalho

A primeira passagem com o recurso vídeo *selfie* da repórter Paula Lobão, conforme Figura 9, noticia uma tragédia vivida no Gama. O cenário da gravação é o local onde ocorreu o acidente. Percebe-se, ao fundo, um carrinho de bebê, pertencente ao recém-nascido que veio a óbito na tragédia narrada. Como aponta Sá (2017), o jornalismo *selfie* é isso: contar uma história com a câmera frontal do celular no local onde ela acontece. Ao longo da matéria, há entrevistas gravadas com *smartphone*, mas nem sempre em formato *selfie*. Imagens estáticas das vítimas e do criminoso são utilizadas. Aqui, nota-se o que Palácios (2003) chama de multimídia: a integração de som, texto e imagem na narração jornalística. Internautas lamentam o ocorrido por meio de comentários na *fanpage*, tanto ao vivo

quanto posteriormente. Nesta interação, percebe-se que ainda há uma falta de respostas, por parte do Jornal Local, ao público.

Em outra reportagem de Paula Lobão, sobre a greve de ônibus surpresa, as ideias de Sá (2017), que defendem que é impossível noticiar os fatos sem estar no local onde eles se encontram e sem ser uma testemunha, exemplifica este ponto levantado pela autora. Na matéria, a repórter narra, inclusive, os horários das gravações, que começaram cedo. Como a greve noticiada foi algo surpresa, isso demonstra que a equipe estava atenta aos fatos e foi ver de perto a situação. Nesta, uma das passagens da jornalista traz o uso do microfone, do Telejornalismo tradicional.

Figura 10 – Vídeo *selfie* gravada durante a 6ª Marcha contra a Pedofilia



Fonte – *Print screen* de tela feito pela autora do trabalho

A última reportagem do programa deste dia, gravada com o celular, foi feita por Jessica Nascimento, que, oficialmente, atua como produtora do Jornal Local. Porém, algumas matérias são na função repórter. Esta realidade é levantada por Caetano, Barbosa e Quadros apud Quadros, Caetano e Lorangeira (2011), que destacam as mudanças trazidas pelas tecnologias nas relações de trabalho. Segundo eles, o jornalista torna-se um profissional múltiplo. É repórter, editor e diagramador. Neste caso, Jessica é produtora e também repórter.

A matéria em questão foge do formato tradicional *off-passagem-sonora*, recurso este permitido pelas videoreportagens, conforme Barbeiro e Lima (2002).

Na reportagem de Jessica Nascimento sobre pedofilia, percebe-se um outro padrão na narração dos fatos. O fato é narrado, basicamente, por meio de sonoras, ou seja, com as fontes/personagens entrevistadas. A repórter aparece em uma passagem para contextualizar o local onde as gravações foram feitas, a 6ª Marcha contra a Pedofilia, que pode ser visualizada na Figura 10.

#### **4.1.6 Live do dia 30 de agosto de 2017**

A transmissão ao vivo do programa deste dia estava com falhas, que foram pontuadas pelos internautas que acompanhavam via *Facebook*. Neste caso, eles obtiveram um *feedback*, por parte da *fanpage* do JL, quanto aos problemas identificados na transmissão. Mesmo com os congelamentos de imagens e algumas falhas na fluidez dos áudios, foi possível analisar o telejornal do dia, que trouxe apenas uma reportagem vídeo *selfie*.

A videorreportagem foi feita pelo repórter Andrei Helber e trata sobre furtos de celulares no Distrito Federal. Nesta matéria, percebe-se o que Barbeiro e Lima (2002) chamam de linguagem mais intimista e tons coloquiais. O jornalista utiliza, em uma das passagens, a expressão “brinquedinhos”, para se referir aos telefones celulares. Esta reportagem traz, ainda, uma vídeo *selfie* gravada pela fonte oficial, um capitão da Polícia Militar, com dicas para evitar os furtos. Percebe-se que as inovações tecnológicas são utilizadas a favor dos jornalistas neste caso, uma vez que os celulares permitem que a própria fonte faça sua própria gravação e envie, sem a necessidade do repórter ter de se locomover até o local onde se encontra o mesmo.

Em geral, as vídeo *selfies* são, sim, uma realidade no Jornal Local, da TV Brasília. As três fases do Telejornalismo, listadas por Silva e Alves (2016), puderam ser percebidas. A transpositiva é identificada no portal CorreioWeb, que serve apenas como um repositório do conteúdo veiculado exclusivamente pela televisão. Já a hipermediática é percebida quando o jornal incentiva o envio de pautas, fotos e vídeos, que se tornam conteúdo do telejornal. A última é a expandida, vivida pelo Jornal Local, atualmente. Os conteúdos exclusivos para a *fanpage* e *WhatsApp* já fazem parte da rotina do JL. Essa expansão dos conteúdos para novos formatos é ligada a esta fase.

Das três leis fundadoras da cibercultura de Lemos (2005), observa-se a terceira lei, que diz que não há uma substituição das práticas e modalidades midiáticas, mas, sim, uma reconfiguração. As vídeo *selfies* são um exemplo de que a forma de fazer o Telejornalismo foi readaptada, deixando lugar, ainda, para as reportagens tradicionais.

## CONCLUSÃO

O presente estudo científico se propôs a identificar de que forma o Jornal Local, da TV Brasília, tem se adaptado às novas tecnologias, especificamente aos *smartphones* e suas possibilidades de apresentar matérias com o recurso das vídeo *selfies*. Foi possível identificar que o telejornal tem utilizado novos tipos de abordagem e recursos tecnológicos, de modo a seguir as inovações que têm permeado o mundo do Telejornalismo. As vídeo *selfies* são, de fato, uma das realidades presentes no Jornal Local. O *WhatsApp* do JL, bem como as transmissões ao vivo via *Facebook*, também foram outras formas de adaptação identificadas, que têm ligação direta com as inovações tecnológicas.

As práticas, técnicas e metodologias percebidas nas vídeo *selfies*, foram, em geral, semelhantes às de uma videorreportagem tradicional, com apuração dos fatos, sonoras, passagens, narração dos fatos e maior liberdade para fugir do padrão *off-passagem-sonora*. Uma diferença identificada é que a linguagem, neste tipo de abordagem, torna-se ainda mais coloquial do que em videorreportagens comuns. Nota-se que este recurso é utilizado para aproximar o telejornal dos telespectadores, que também podem ser internautas e produtores de notícias. Isto tem sido um desafio para os jornalistas. Entretanto, o JL tem agregado o conteúdo produzido pelo público ao telejornal, fazendo com que um complemente o outro.

Tal realidade vem sendo integrada ao meio digital por meio do *WhatsApp* do telejornal, utilizado para os envios de pautas, vídeos e imagens, por parte do público, e pelo *Facebook*, um dos canais selecionados pelo JL para transmissões a vivo do telejornal e outros conteúdos exclusivos.

Observou-se que o Jornal Local, mesmo nas matérias que fazem uso das vídeo *selfies*, ainda utiliza o Telejornalismo tradicional, uma vez que microfones continuam sendo acessórios para entrevistas e passagens são gravadas por câmeras profissionais, fato este notado nas matérias analisadas. Embora, agora, novas ferramentas, como os *smartphones* e paus de *selfie*, também estejam presentes. Ou seja, eles têm apostado na convergência entre o tradicional e o digital.

Em questões de padrões e forma de se fazer o jornalismo televisivo nesta nova abordagem, percebe-se que, além de aproximar os telespectadores, há uma redução de gastos para a emissora, uma vez que, como foi pontuado no trabalho, as

próprias fontes e personagens podem participar e contribuir com suas vídeo *selfies*, que tornam-se parte do conteúdo do jornal.

Esta nova realidade, trazida com o advento das novas tecnologias, especificamente a *Internet*, tem sido, de fato, desafiadora para os jornalistas. Entretanto, desde o nascimento do primeiro telejornal, em 1950, o cenário do Telejornalismo é desafiador. Se naquela época tudo era uma interrogação e aprendido na forma do improviso, hoje, em 2017, todas estas inovações podem ser vistas da mesma forma. Cabe às emissoras e aos profissionais aprenderem e se reinventarem com os recursos disponíveis nesta era, sem esquecer que a televisão ainda ocupa lugar relevante na busca por informações no país, mesmo que tenha que competir com outros meios de comunicação, como a *Internet*.

Com este estudo, foi possível perceber que as vídeo *selfies* são uma forma viável, mais barata e mais acessível de se fazer Telejornalismo, em meio ao cenário de adaptação às novas tecnologias. As transmissões ao vivo dos telejornais também são relevantes, mas é importante o *feedback* aos comentários dos internautas na *fanpage* do Jornal Local, para que a interatividade seja exercida. Vale destacar, ainda, que o *WhatsApp* parece ser uma realidade promissora para o telejornal.

Para conclusões mais aprofundadas sobre o tema, é necessária uma amostragem maior, incluindo mais pontos para análise. Como continuidade de estudo, sugere-se mergulhar no mundo do *WhatsApp* do Jornal Local, para identificar a interação e integração do mesmo no cenário do telejornal, bem como junto ao público e demais redes sociais, identificando qual o critério de seleção das pautas e como lidam com as *fake news*. Outra sugestão é analisar como o Local faz a triagem do que irá ou não ao ar, se seguem as questões de credibilidade, apuração, busca por fontes, informações oficiais e interesse público diante das inovações tecnológicas.

## REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Hérodoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. *Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BASILE, Juliano. *Adaptação do Jornalismo em tempo de novas tecnologias*. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, 2009. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4441/1/2009\\_JulianoBasile.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4441/1/2009_JulianoBasile.pdf)>. Acesso em: 2 out.2017.

CAETANO, Kati; BARBOSA, Marinalva; QUADROS, Claudia. Dispositivos e Práticas Jornalísticas em um Mundo sem Fronteiras. In: QUADROS, Claudia; CAETANO, Kati e LARANGEIRA, Álvaro (Orgs.). *Jornalismo e Convergência: ensino e práticas profissionais*. Covilhã: LabCom, 2011.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

COLOMBO, Furio. *Conhecer o Jornalismo hoje: como se faz a informação*. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

CONTATO, Ana Carolina Felipe; SOUZA, Florentina Neves. *Percurso do telejornalismo brasileiro e o uso das novas tecnologias em favor da interatividade: um estudo do Paraná TV 1ª Edição*. Artigo. UFRGS, 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/percurso-do-telejornalismo-brasileiro-e-o-uso-das-novas-tecnologias-em-favor-da-interatividade/view>>. Acesso em: 19 set. 2017.

COUTINHO, Iluska. *Dramaturgia do Telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora - MG*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

FERRARI, Pollyana. *Jornalismo Digital*. São Paulo: Contexto, 2003.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

LE MOS, André. *Ciber-cultura-remix*. Artigo. São Paulo, 2005. Disponível em <[http://sciarts.org.br/curso/textos/andrelemos\\_remix.pdf](http://sciarts.org.br/curso/textos/andrelemos_remix.pdf)> Acesso em: 9 out.2017.

LORÊDO, João. *Era uma vez.. a televisão*. São Paulo: Alegro, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2010.

MELLO, Jaciara Novaes. *Telejornalismo no Brasil*. Artigo. Faculdade Santa Amélia SECAL, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-mello-telejornalismo.pdf>>. Acesso em: 9 out.2017.



MENDES, André Manuel Gomes. *As novas tecnologias ao serviço do Jornalismo*. Relatório de estágio. Universidade de Coimbra, 2013. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/35897/1/As%20novas%20tecnologias%20ao%20servico%20do%20jornalismo.pdf>> Acesso em: 25 ago.2017.

MICHEL, Maria Helena. *Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais*: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. São Paulo: Atlas, 2005.

PALÁCIOS, Marcos. Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: O lugar da Memória. In: MACHADO, Elias e PALACIOS, Marcos (Orgs). *Modelos de Jornalismo Digital*. Salvador: Editora Calandra, 2003.

Pesquisa Brasileira de Mídia – Secom. Disponível em <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/view>>. Acesso em: 10 ago.2017.

SÁ, Vanessa de. Por que o jornalismo selfie vai botar as redações de cabeça para baixo. Disponível em: <[https://www.linkedin.com/pulse/por-que-o-jornalismo-selfie-vai-botar-reda%C3%A7%C3%B5es-de-cabe%C3%A7a-de-s%C3%A1?trk=v-feed&lipi=urn%3Ali%3Apage%3Ad\\_flagship3\\_feed%3B1aaf%2F9UpmPcdAnFt9X%2F79Q%3D%3D](https://www.linkedin.com/pulse/por-que-o-jornalismo-selfie-vai-botar-reda%C3%A7%C3%B5es-de-cabe%C3%A7a-de-s%C3%A1?trk=v-feed&lipi=urn%3Ali%3Apage%3Ad_flagship3_feed%3B1aaf%2F9UpmPcdAnFt9X%2F79Q%3D%3D)>. Acesso em 25 set.2017.

SILVA, Edna de Mello; ALVES, Yago Modesto. *Telejornalismo Expandido: a Apropriação de Redes Sociais e Aplicativos pelo Jornalismo Televisivo*. Universidade Federal do Tocantins, 2016. Disponível em:<<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2503-1.pdf>>. Acesso em: 1º out.2017.

STEGANHA, Roberta. *Jornalismo na internet: A influência das redes sociais no processo de confecção das notícias de entretenimento e celebridade*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista, 2010. Disponível em <<http://www.bocc.uff.br/pag/steganha-roberta-jornalismo-na-internet.pdf>>. Acesso em: 25 set.2017.

WARD, Mike. *Jornalismo Online*. São Paulo: Roca, 2006.